



A
MENINA
DO
NARIZINHO
ARREBITADO

MONTEIRO LOBATO & CIA
SAO PAULO

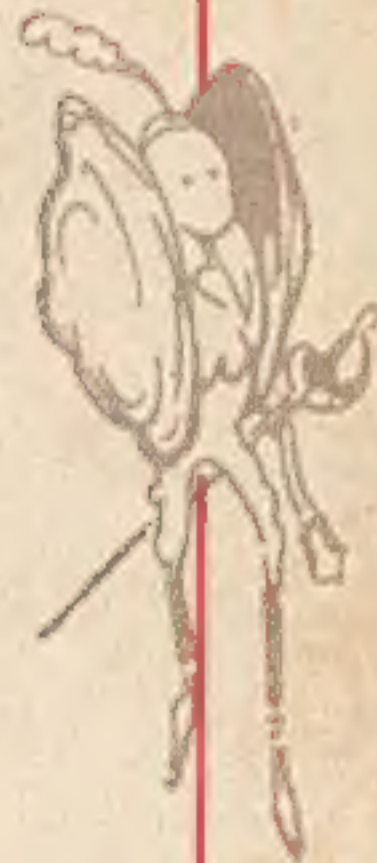
BRITISH MUSEUM
1929
7/11
No. 11





A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO

LIVRO DE FIGURAS
POR MONTEIRO
LOBATO COM
DESENHOS
DE VOLTO-
LINO



EDIÇÃO DA "REVISTA DO BRASIL,"
MONTEIRO LOBATO & COMP.
SÃO PAULO — 1920





O SOMNO À BEIRA DO RIO

NAQUELLA casinha branca, — lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na bocca— jururú... Todo o mundo tem dó d'ella: — Que tristeza viver sozinha no meio do matto...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá mora des'que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas — e reinadeira até alli!... Chama-se Lucia, mas ninguem a trata assim. Tem appellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu appellido é "Narizinho Rebitado", — não é preciso dizer porque. Alem de Lucia, existe na casa a tia Anastacia, uma excellente negra



de estimação, e mais a Excellentissima Senhora Dona Emilia, uma boneca de panno, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retroz preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.

Mas apesar disso Narizinho quer muito bem á Sra. Dona Emilia, vive a conversar com ella e nunca se deita sem primeiro accommodal-a numa rêdinha armada entre dois pés de cadeira. Fóra esta bruxa de panno, o outro encanto de Narizinho é um ribeirão que passa no fundo do pomar, de

aguas tão claras que se vêem as pedras do fundo e toda a peixaria miuda.

Não se passa um dia sem que Lucia vá sentar-se á beira d'agua, na raiz de um velho ingázeiro, alli ficando horas, a ouvir o barulhinho da corrente e a dar comida aos peixes. E elles bem que a conhecem! É vir chegando a menina e todos lá vêm correndo, de longe, com as cabecinhas erguidas, numa grande famiteza. Chegam primeiro os piquiras, os guarús barrigudinhos, de olhos saltados; vêm depois os lambarys ariscos de rabo vermelho; e finalmente uma ou outra parapitinga desconfiada. E nesse divertimento fica a menina até que a tia Anastacia appareça no portãosinho do pomar e grite com a sua voz socegada: — Narizinho! Vovó está chamando!

E assim vivem aquellas tres creaturas, lá no fundo do grotão, muito socegadas da vida, sem inquietações nem aborrecimentos.

Certa vez, estando a menina á beira do rio, com a sua boneca, sentiu os olhos pesados e uma grande lombeira pelo corpo. Estirou-se na relva e logo dormiu, embalada pelo murmurinho do ribeirão. E estava já a sonhar um

lindo sonho quando sentiu cocegas no rosto. Arregalou os olhos e, com grande assombro, viu de pé na ponta do seu narizinho um peixinho vestido. Vestido sim, pois não! Trazia casaco vermelho, cartola na cabeça e flôr ao peito: — uma galanteza! O animalzinho olhava para o rosto della com ar de quem não está compreendendo coisa nenhuma.

Tão admirada ficou a menina da maravilhosa scena que reteve o folego, com medo de assustar o curioso, e assim permaneceu algum tempo até que a zoadada de um insecto a distrahiu. Era um besouro que voava por cima da sua cabeça e que depois dumas tantas voltas veio pousar-lhe na testa. Narizinho, arrepiada, ia espantal-o com um bom tabefe, quando notou que tambem elle estava vestido de gente, com sobrecasaca, oculos e bengalão. Conteve-se e ficou bem quietinha a ver em que dava aquillo. O besouro, notando a presença do senhor peixe, levou a mão ao chapéo e cumprimentou-o amavelmente:

— Ora viva, mestre Escamado! Como lhe vae a saúdinha?

— Assim, assim, amigo Cascudo. Lasquei hontem tres escamas do lombo e o medico receitou-me ares de campo. Vim tomar o remedio, mas aqui encontrei este morro que não é meu conhecido, e estou a parafusar que diacho de terra tão branca e lisa é esta. Será porventura marmore? disse, batendo com a biqueira do guarda-chuva no nariz de Narizinho.

O besouro, sujeitão muito entendido em questões de terra, pois vive





a fazer buracos, agachou-se, ageitou no bico os olhos e depois de examinar a "terra" disse:

— Marmore não é. Parece antes borracha ou requeijão!...

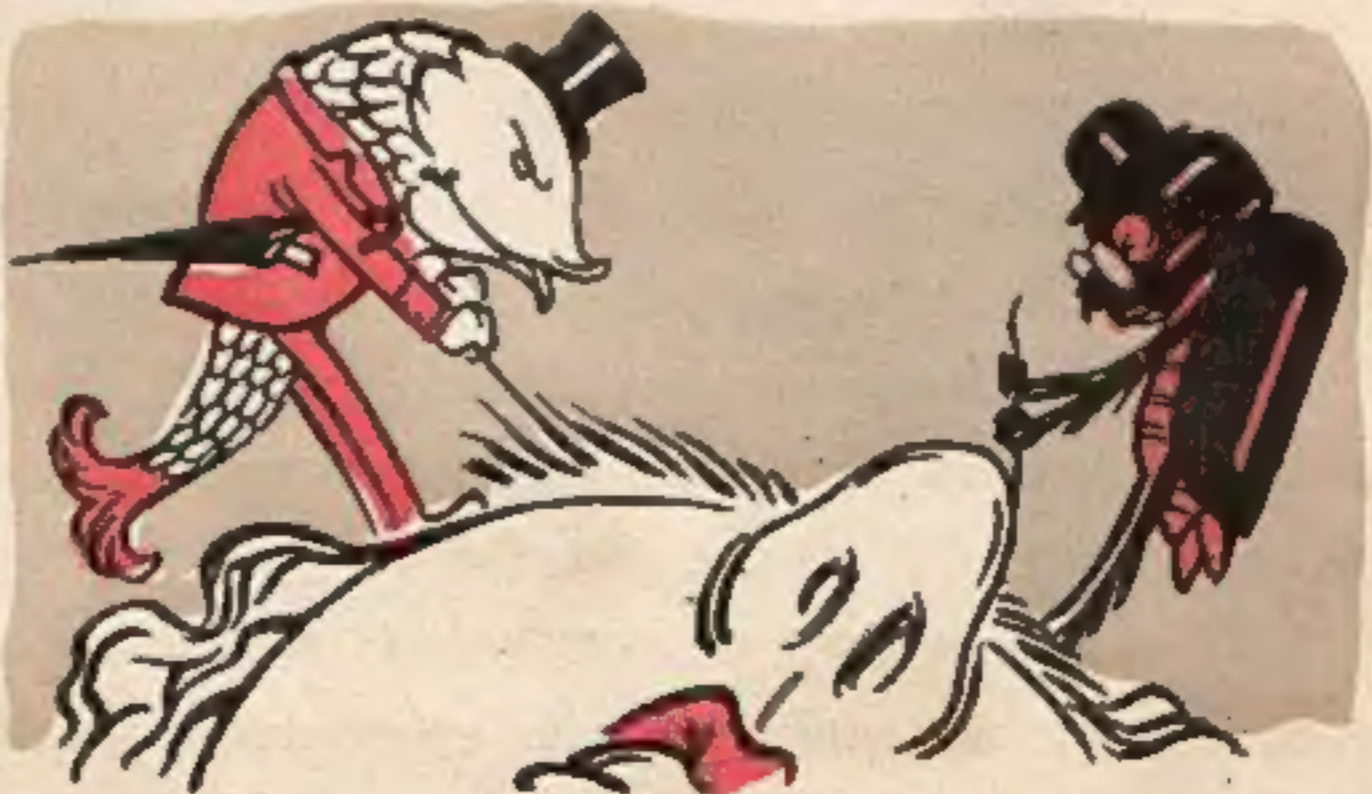
— E estas plantinhas sem folhas? perguntou Escamado, mostrando as sobrancelhas.

— Devem ser

varas de vime ou barbatanas, não vê como são flexíveis? Vou levar um feixinho dellas ao compadre Grillo para que me faça um balaio de costura.

— E eu outro, para Dona Aranha Costureira collocar nos espartilhos.

E puzeram-se os dois a tirar fios da sobrancelha de Narizinho. Cada "barbatana" que arrancavam era uma dorzinha aguda, e bem vontade teve a "terra" de varrel-os d'alli com uma taponna, mas tudo supportou, sem a menor careta, [tão interessante estava achando a singular aventura. E ficou immovel, a espiar a manobra dos curiosos bichinhos entretidos na colheita das varas de barbatana, pensando lá comsigo:



— Esta é boa! Parece que virei baleia!...

Em seguida o peixinho, com o feixe de barbatanas debaixo do braço, desceu e principiou a examinar attentamente os labios e as faces da menina. Deante do nariz parou e, apontando-lhe para as ventas, disse:

— Ora aqui está uma tóca muito geitosa para um casal de besouros. Dois commodos, um para o marido, outro para a senhora besoura. Optimo!...

— Geitosa ella é, disse o besouro, mas bom será que não more aqui algum maldicto escorpião!...

— Não creio, retrucou o peixinho. Os escorpiões mudaram-se para o outro lado do rio, onde ha muitos cupins velhos.

— Apesar disso, acrescentou o besouro, corre na bocca do povo que um delles anda por cá, assolando estas paragens. E bem pode ser que esteja escondido justamente nesta caverna.

— Não creio, disse o peixinho. Tenho uma boa policia que me informa dos menores passos desses monstros.

— Em todo o caso vejamos, disse prudentemente o besouro, sacudindo dentro da "tóca" o seu bengalão:

— Hu! Hu! Sae fóra, tihoso!

Mas aconteceu que a bengala fez cocegas nas ventas da menina e ella, por mais que se expremesse, não poude conter um grande espirro: "Atchin!"





Os dois bichinhos, pegados de surpresa, reviraram de pernas para o ar, cahindo um grande tombo no chão.

— Não disse? exclamou o besouro, erguendo-se e limpando com a manga o chapéo sujo de terra. Não disse que havia “coisa” ahi dentro? É a tóca do Escorpião Negro, não resta a menor duvida, e eu com raças de ferrão venenoso não quero historias, não! Até logo, amigo Es-

camado, sáre bem e seja muito feliz. Caspité!

E lá se foi pelos ares afóra, zumbindo que nem um aeroplano . . .

O peixinho, porem, era um guarú valente que nunca teve medo de cucas, e porisso alli continuou firme, cada vez mais interessado em decifrar o enigma. Pensou, pensou muito tempo, de mãosinha no queixo, e de repente, vendo a boneca ao lado da menina, bateu na testa, numa grande alegria:

— E esta! Pois não é que é Narizinho Rebitado, a nossa amiguinha de todos os dias? Bello encontro! Vou convidal-a a visitar o Reino das

Aguas Claras. Empertigou-se todo, arrumou a gravata e gritou no ouvido della :

— O' de casa!

— Quem fala? respondeu Narizinho, fingindo não saber de nada.

— Sou eu, o principe Escamado, guarú de prata para te servir.

— E que queres tú, peixinho?

— Quero convidar a menina para conhecer os meus dominios, lá na cidade das Pedras Redondas, no Reino das Aguas Claras.

Narizinho, que não desejava outra coisa, bateu palmas de alegria e exclamou :

— Com todo o prazer! Estou ás tuas ordens, amavel principe das Escamas de Prata.

Dizendo isto, ergueu-se, deu-lhe o braço, e seguidos pela Emilia, que, muito têsinha, ia atraz feito criada, foram-se os dois, como um casal de namorados, em direcção ao Reino das Aguas Claras.

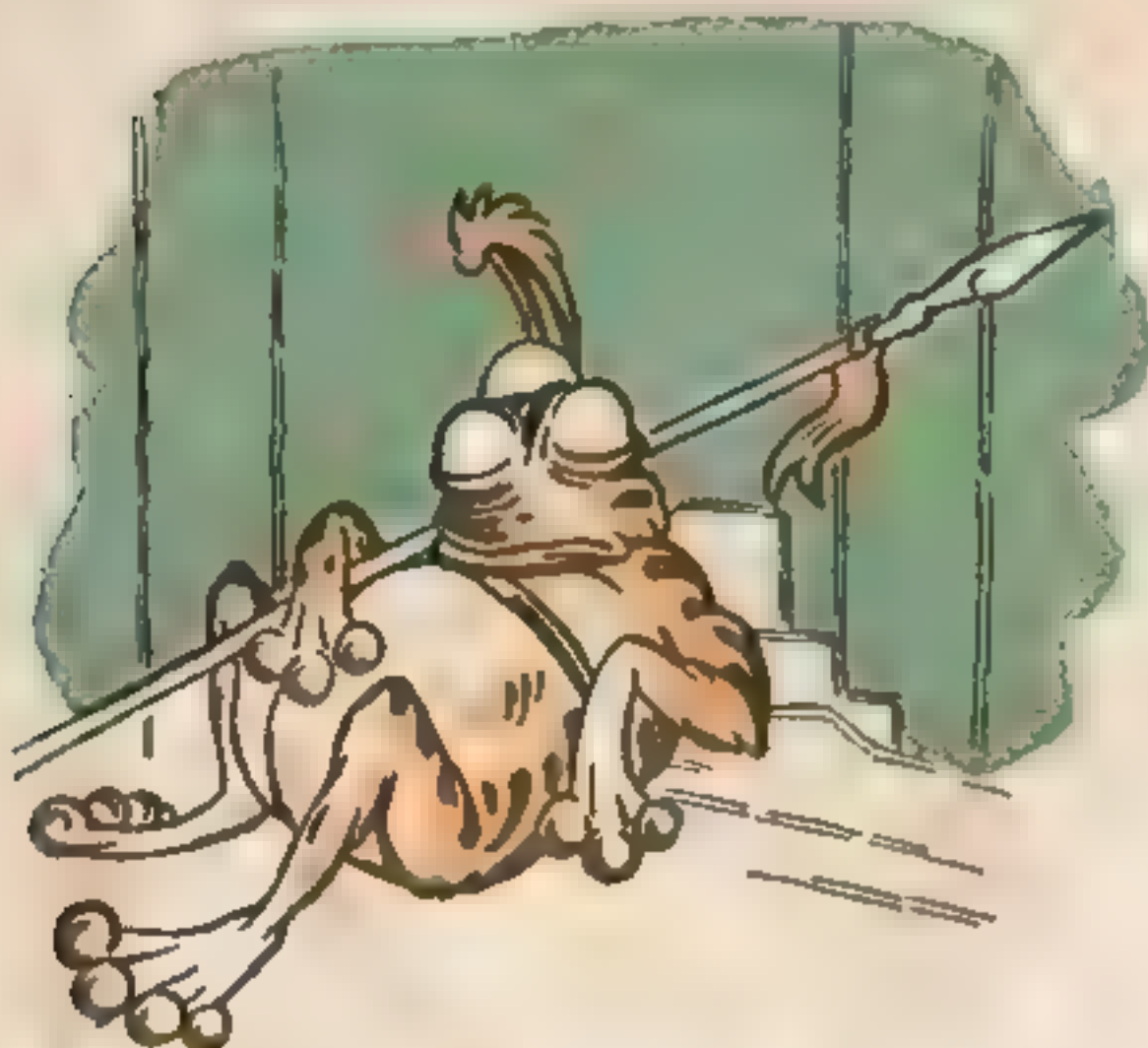
Depois de muito caminhar, chegaram a uma grande pedreira, numa curva do ribeirão.

— A entrada do meu reino é por aqui, disse Escamado, apontando uma fuma entre as pedras e dando a mão á menina para ajudal-a a subir. Entraram. Mas a escuridão era peor que a



de uma noite sem estrellas, e Narizinho parou, cheia de medo. O peixinho sorriu e disse :

— Os filhos dos homens só enxergam quando ha luz, mas os filhos das aguas são como as corujas: — tanto vêem no claro como no escuro. E puxou do bolso um vagalume de olhos accesos, pendurado num cabinho de arame. A caverna clareou á luz da lanterna viva, e Narizinho poudo ver que



se achava n'um corredor comprido, especie de tunnel, com uma porta ao fundo, fechada. Encostado nessa porta estava um sapo rajado, de espada á cintura, capacete na cabeça e lança na mão. Era o guarda do palacio. Mas dormia a somno solto, num regalo!

— É isto! exclamou o principe, furioso. Pago a mestre "Agarra -

e - Não - Larga - Mais" cincoenta moscas por dia para me tomar conta desta porta e assim que saio o ladrão ferra-me no somno! Mas desta vez me paga! disse preparando-se para acordal-o a ponta - pés.

— Não! Não! interveiu Narizinho. Vamos antes pregar-lhe uma boa peça. Tiramos as armas desse dorminhoco e vestimol-o com a roupa da Emilia. Imagine o espanto delle quando acordar!

Escamado achou optima a idéa e, pulando os dois de contentes, puzo-

ram-se a despir o sapo, muito devagarinho; depois amarraram-lhe à cintura o saio de pintas vermelhas da Emilia, puzeram-lhe na cabeça a touca da boneca e, em lugar da lança, um guarda-chuva. Ficou tão engraçado o pobre sapo que a menina a custo continha as gargalhadas.

— Vamos acordal-o agora, disse Escamado, pespegando-lhe um formidável pontapé na barriga.

— Hum! gemeu o sapo, arregalando os olhos e abrindo a bocca, espantado de ver o principe em companhia d'uma menina desconhecida e d'uma senhora boneca muito envergonhada de achar-se em fralda de camisa. Escamado, muito têsinho, engrossou a voz e ralhou:

— Bella c'ousa, mestre Agarra. Vestido de mulher, você o guarda do palacio!

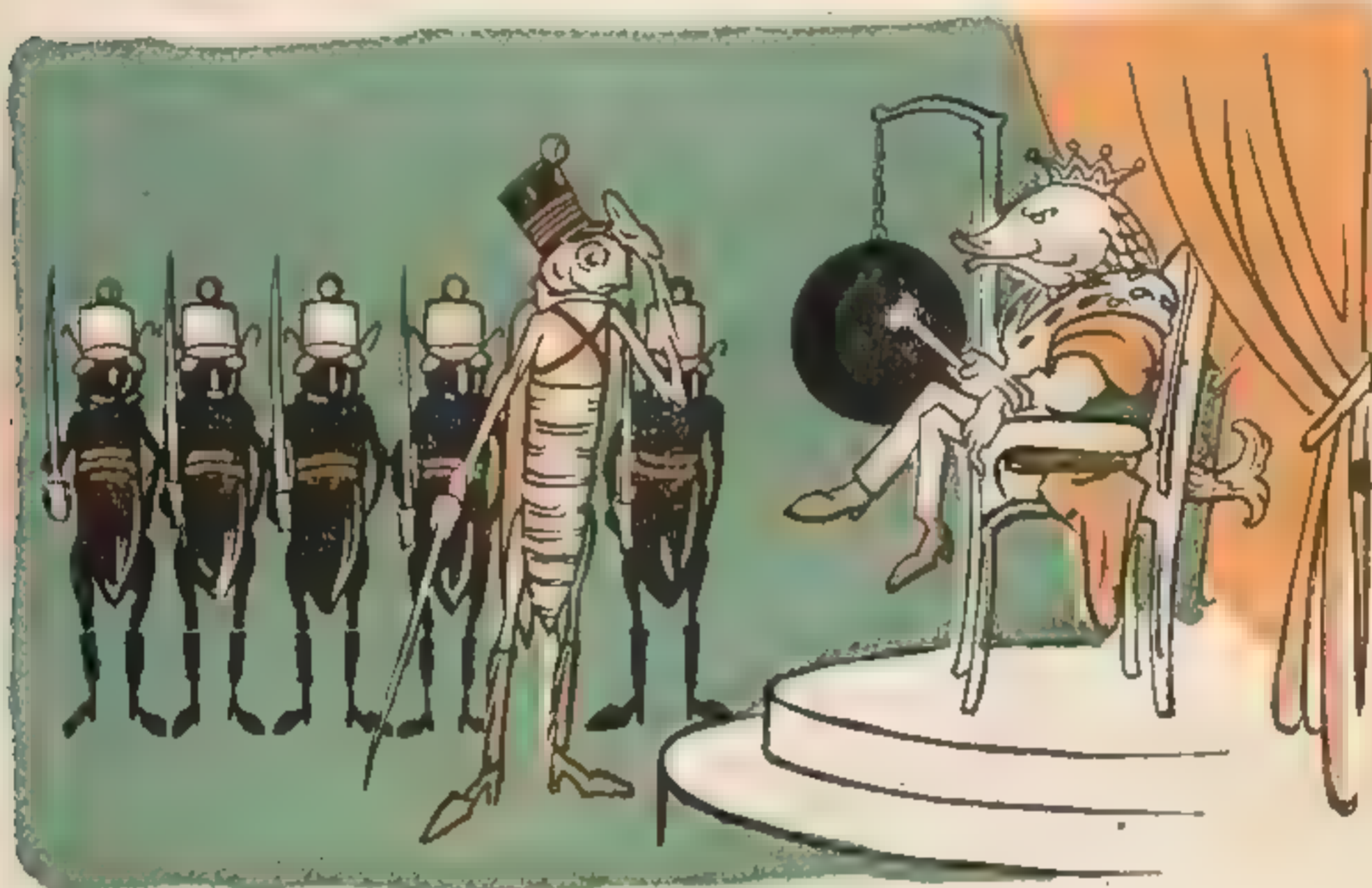
— Vestido de mulher? Eu? disse ■ sapo espantado.

— Mire-se neste espelho, disse ■ principe.

Só então o sapo percebeu a judiaria de que tinha sido victima. Ficou apalermado, a olhar para o principe, para a menina ■ para o espelho, sem nada comprehender do caso.

— Agora, por castigo, disse o principe, em vez das cinquenta





moscas do nosso trato, vae engulir hoje cincoenta pedrinhas redondas, ouviu?

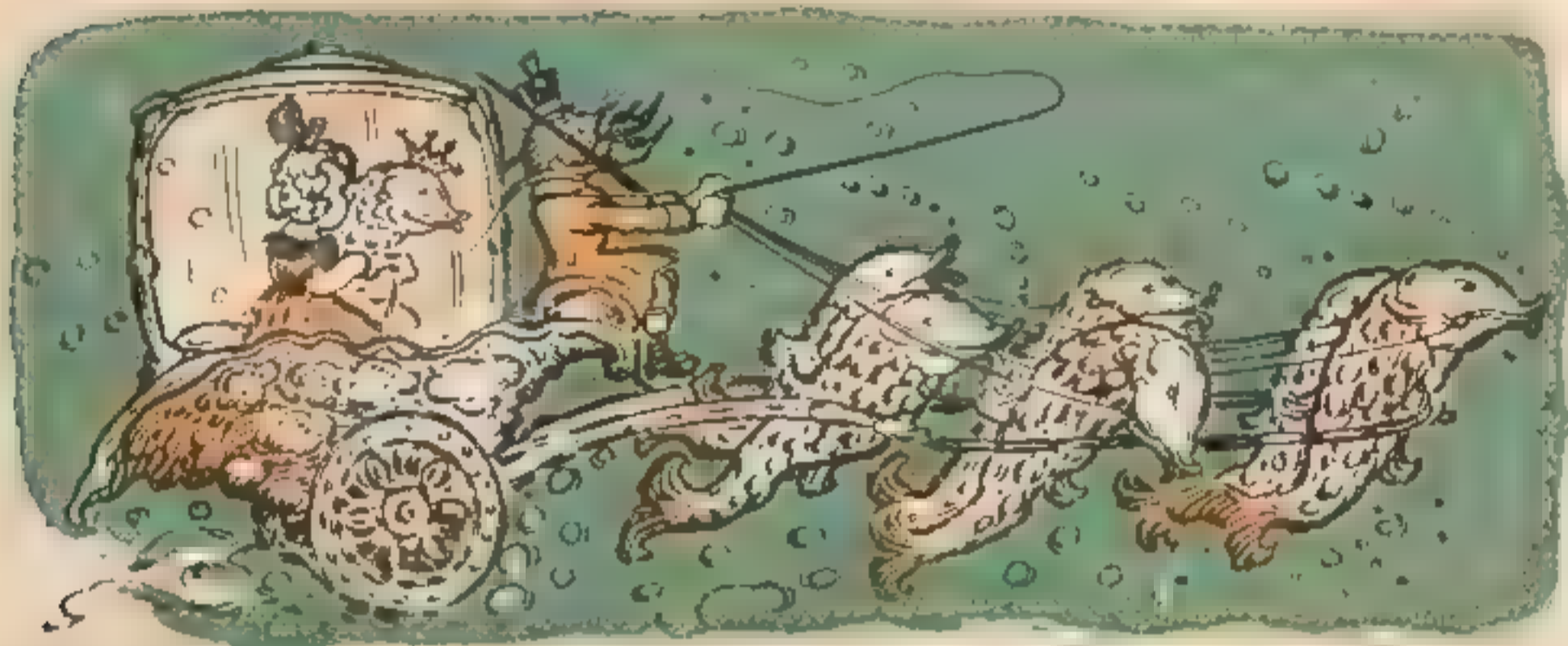
O sapo derrubou um grande beijo, ■ foi encorujar-se a um canto, muito desconsolado da vida, enquanto Narizinho ria a mais não poder.

Em seguida Escamado abriu a porta e, dando a mão à menina, introduziu-a numa grande sala onde havia um throno.

— E' aqui a sala do governo, onde dou audiencias aos meus subditos ■ distribuo justiça, castigando os mãos ■ premiando os bons.

Sentou-se no throno e bateu, com um martellino de prata, tres pancadas num gongo de bronze: pom! pom! pom! Immediatamente surgiu um destacamento de grillos fardados sob o commando do capitão Gafonhoto. Perfilaram-se todos ■ ficaram immoveis como se fossem de páu.

— Adeante-se! ordenou o principe. O capitão adeantou-se e veiu postar-se em frente do throno.



— Que novidades ha no reino?

— Poucas, Magestade. Houve um crime na Tóca Preta. A rã verdolenga embriagou-se, ■ entrando em casa d'uma familia de baratas matou a barata-mãe, feriu gravemente a barata-pae e comeu todas as baratinhas-filhas.

— Mande enforcar a criminosa num galho do espinheiro grande. Que mais?

— Corre noticia que o Escorpião Negro anda a rondar o reino, lá dos lados da Pedra Branca.

— Má nova! exclamou o principe, franzindo a testa. O Escorpião é o nosso peor inimigo. Precisamos reforçar as muralhas da fronteira. Que mais?

— Foram encontrados sem sentidos dois bagres amarellos, a boiar na lagoa pequena. Recolhi-os á enfermaria ■ lá estão sob os cuidados do doutor Caramujo, que receitou purgante e suadouro.

— É isso mesmo. Que mais?

— Saberá Vossa Magestade que é só.

— Perfeitamente, disse o principe. Faz-se mister agora que o reino saiba da presença, entre nós, desta linda princeza de olhos negros, afim de que o povo e a nobreza lhe prestem todas as homenagens. Quero uma grande

festa como nunca houve igual. Avise a cõrte e dê as ordens necessarias, mas antes de nada, mande vir o coche real. O capitão saudou militarmente e sahiu acompanhado dos guardas.

Não demorou muito e uma carruagem appareceu á porta, puxada por tres parelhas de lambarys.

Servia de cocheiro um bello camarão de libré vermelha, muito teso no no alto da boléa. Mal o principe e a menina entraram na carruagem, mestre Camarão estalou o chicote e os lambarys partiram como raios.

A ENFERMARIA

E MQUANTO a carruagem corria pelo fundo do ribeirão, ia Narizinho admirando, atravez das vidraças, os bellos panoramas, as avenidas de areia branca, as pedras redondas e os peixes que paravam respeitosa-mente para vel-os passar. Em certo ponto a carruagem mudou de rumo, tomou por uma tóca e foi parar ás portas do hospital. Era uma grande sala, cheia de camas e mesinhas com vidros de reme-
dio. Estava lá o dou-
tor Caramujo, famoso sabio do reino, e mais algumas baratas en-
fermeiras, vestidas de irmãs de caridade. O principe chamou o me-
dico e pediu noticias



dos doentes. Os dois bagres de barriga amarella estavam numa das camas, embrulhados em tres cobertores, muito pallidos e suando em bicas. Escamado tomou-lhes o pulso e viu que tinham febre alta.

— Queira Deus não batam as botas!... disse elle para Narizinho. O doutor Caramujo é um grande medico mas os doentes d'elle morrem todos... Não tem sorte nenhuma...

Mais adeante, em outra cama, gemia o pae-barata, ferido mortalmente pela rã verde.

— Como vae este freguez? perguntou o principe.

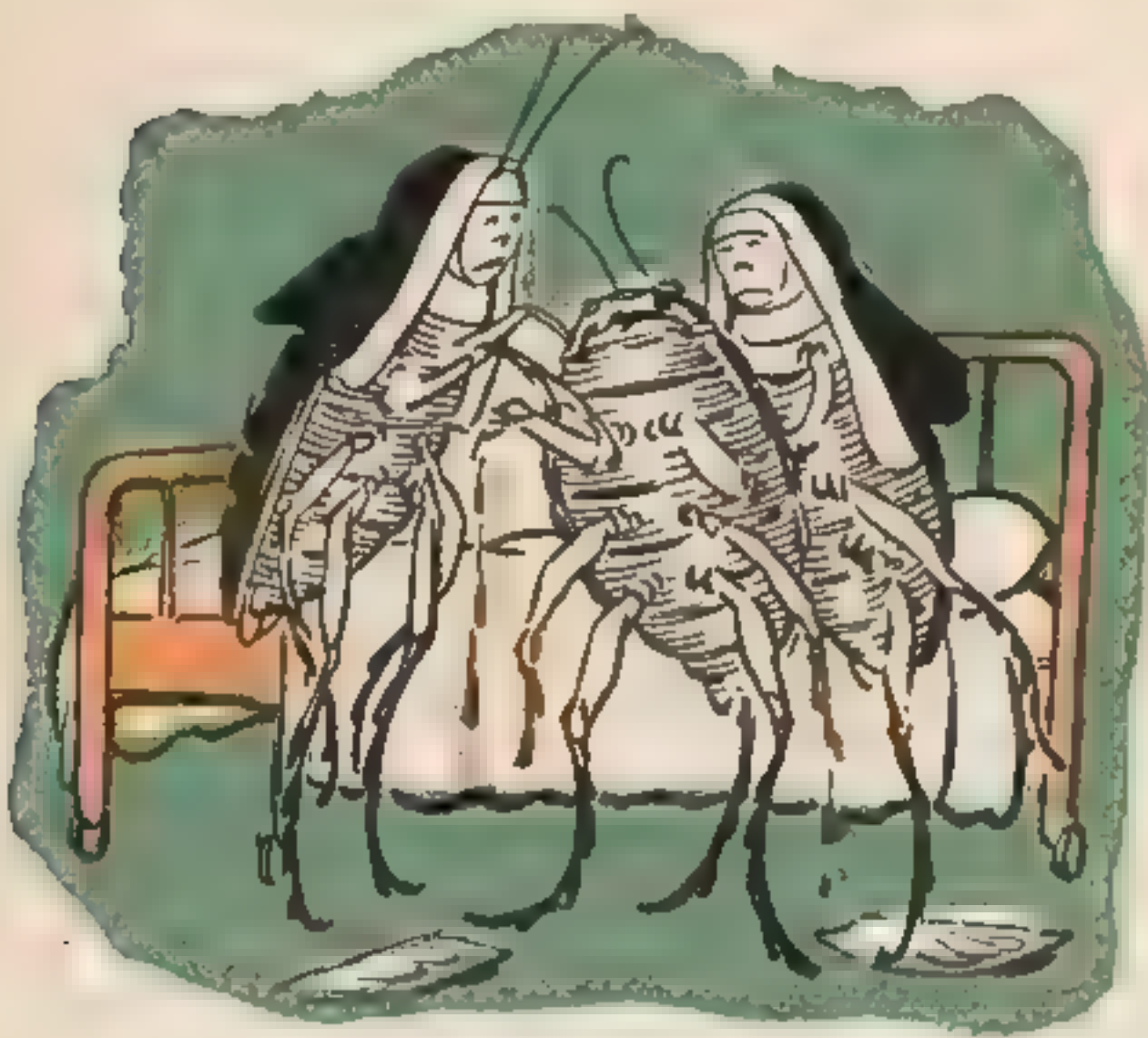
— Muito mal, respondeu Caramujo. Quebrou cinco pernas, rasgou uma asa, e está todo arrebitado por dentro. Dei-lhe as pilulas de mestre EscaravELHO mas não tenho esperanças de salvá-o.

— Já se confessou? indagou o principe.

— Confessou-se agorinha mesmo e vae commungar neste instante. Ahi vem Frei Louva-a-Deos com os sacramentos.

Nem bem pronunciara o medico taes palavras, eis que entra Frei Louva-a-Deos, acompanhado dum mosquito coroinha. Era tão triste a scena que Narizinho sentiu vontade de chorar. O frade animou o doente, falou da belleza do céu e offereceu-lhe a hostia sagrada: uma escamazinha de peixe. Nem podia sentar-se na cama, o pobre. Foi preciso que as irmãs enfermeiras





o erguessem pelos hombros e ficassem alli a sustel-o. O baratão moribundo enguliu a hostia, fez uma careta, engasgou, tossiu e morreu.

— Antes assim, disse o medico. Si sarasse, que triste vida seria a sua, só no mundo, sem mulher, nem filhos...

Todos concordaram, enxugando cada um a

sua lagrima. O principe, depois de ordenar o enterro, perguntou a mestre Caramujo:

— E os outros doentes, doutor?

— Os outros?... os outros morreram, respondeu elle um tanto enfiado.

Escamado piscou para a menina como quem diz: "Vê? ninguem escapa das mãos d'elle..." e convidou-a a retirar-se. Antes de sahir, porem, Narizinho espiou pela janella e viu a rá assassina pendurada pelo pescoço a balançar-se no galho dum espinheiro. Teve dó, mas lembrando-se do pae-barata moribundo, disse consigo: — Bem feito!



NO PALACIO REAL

DE volta ao palacio real teve a menina occasião de visitar numerosas salas, lindamente enfeitadas com avencas, samambaias e musgos de todas as cores. Viu tambem a bibliotheca, cheia de livros onde os sabios escreveram toda a historia do reino. E lá estava, ainda, folheando-os, um por um, quando um grillo recadeiro veiu chamal-a para o jantar. Foi, sentou-se á mesa ao lado do principe, e muito admirou o bom gosto com que tudo estava arrumado.

— Artes das senhoras saúvas, disse Escamado. São ellas que colhem as florinhas do campo e enfeitam estes vasos.

Os pratos eram lindas conchas cõr de rosa, e as terrinas, busios de brilhante esmalte. Grillos verdes serviam de criados e traziam da cozinha os pratos em que um caranguejo gordo, de avental branco e gorra, ia dando os ultimos retoques. Veiu uma deliciosa sopa de barbas de camarão, e, depois, lombo de marisco, filé de cigarra, entrecosto de mãe-d'agua, omelete





de ovos de tainha. Para a sobremesa trouxeram mel de jity em petalas de magnolia, e mil outras preciosidades.

Emquanto jantavam, uma excellente orchestra de cigarras, piuns ■ pernilongos, afinadissimos, executava lindas musicas compostas pelo maestro Sabiá-do-campo. Vieram depois os dançarinos tangarás e dançaram graciosos bailados.

Em seguida appareceu um papagaio real que tinha fama de orador. Subiu á tribuna de um poleiro de ouro ■ fez um bello discurso a respeito da arte de falar. Nesse discurso provou que os homens tinham aprendido a falar com os papagaios, ■ não os papagaios com os homens, como diz a sciencia destes. Uma chuva de palmas acolheu suas palavras.

O mesmo não aconteceu, porem, com a poetiza Lagartixa, que principiou a recitar uma longa poesia e engasgou no meio, acabando o recitativo em chôro e faniquito. Para destruir essa má impressão vieram tres vagalumes magicos que fizeram varias sortes, sendo muito apreciada a sorte de comer fogo.

Narizinho, encantada, batia palmas a cada novidade ■ ria-se muito das graças e micagens que o bôbo da côrte fazia. Este bôbo era o caruncho Carlito Pirolito, um corcundinha pegado dentro dum caroço de milho e criado pelo príncipe para divertir a côrte. Durante o jantar sentou-se ao lado de Narizinho e não parou de fazer diabruras ■ molecagens o tempo todo. E assim correu a alegre refeição, deixando no espirito da menina recordações inesquecíveis.

Logo que saiu da mesa recolheu-se Narizinho ao quarto afim de preparar-se para o baile da noite. Para servil-a encontrou lá Dona Aranha, a melhor costureira do reino, e também varias mucamas formigas. Dona Aranha adeantou-se ■ disse respeitosamente:

- Quer a menina examinar nossa collecção de vestidos de baile?
- Com muito gosto, respondeu Narizinho, encantada.

As formigas, incontinenti, abriram os guarda-roupas, delles retirando uma porção de vestidos luxuosos, cada qual mais lindo. Um era feito de céu azul todo enfeitado de estrellinhas. Outro, de petalas de rosa com entremeio de myosotis. O que mais encantou Narizinho, porem, foi um vestido de cauda, feito de teia de aranha e enfeitado com diamantezinhos de orvalho.



Não podia haver coisa mais linda e Narizinho bateu palmas de alegria, deixando a aranha toda cheia de si porque esse vestido era inteirinho obra della; ella mesma fabricára o fio, tecera a gaze e ella mesma o cosera.

— Vejo que a menina tem muito bom gosto! disse a aranha lisonjeada. E, linda como é, si fôr com elle á festa, certamente que será a rainha da noite.

E poz-se a vestil-a, deante



de um espelho de prata. Penteou-lhe o cabelo á moda do reino, calçou-lhe nos pés lindos escarpins de ouro e, nas mãos, luvas fabricadas com pellica de pecego. Deu-lhe depois um maravilhoso leque bordado a raios de sol sobre asas de mãe-d'agua.

Narizinho não cabia em si de

gosto e mirando-se, ao espelho, duvidava dos proprios olhos:

— Serei eu mesma ou uma fada das Mil e Uma Noites?

Quando julgou que já estivesse prompta veiu a Aranha com varios cofres cheios de diademas, collares, aneis e braceletes capazes de dar inveja ás mais opulentas princezas do mundo.

Narizinho escolheu as mais lindas e assim recamada de ouro e brilhantes ficou a scintillar como um sol.

— Está "quasi" prompta, disse a Aranha.

— Quasi? disse Narizinho, sorrindo. Pois falta ainda alguma cousa?

A aranha respondeu mandando vir escrínios com pó das asas das mais raras borboletas e polvilhou-a inteira de azul furta-côr. Que maravilha! O proprio espelho chegou a abrir a bocca, espantado de tanta formosura.



Subitamente a porta abriu-se e appareceu o principe.

— Senhora, disse elle, a côrte reunida no grande salão aguarda ansiosa a rainha da festa. Vinde!

E, dando-lhe a mão, conduziu-a com grande cerimonia ao baile.

Mal Narizinho entrou, pela sala real correu um murmurio de admiração, muito explicavel, visto como jamais apparecera em Aguas Claras creatura assim tão deslumbrante. E começaram a cochichar que com certeza era a propria Fada dos Rios que se encarnára na menina. Algumas damas chegaram



a morder os lábios de inveja quando Narizinho passou á frente dellas, pelo braço do principe, em direcção ao throno. E uma feia barata descascada, amarella de inveja, murmurou ao ouvido de uma besoura de pernas cambaias, torcendo o nariz :

— Nem porisso !...

Mas um gentil grillo verde que estava atrás ouviu o desabafo da invejosa e castigou-a, ferrando-lhe uma terrivel dentada na perna secca. A barata gemeu de dôr mas aproveitou a lição, ficando bem caladinha o resto da noite.



A sala estava que era um céu aberto. Em vez de lampadas havia no tecto, pelas paredes e pelos vasos, formosos buquês de raios de sol colhidos pela manhã. Flores em quantidade, lindas flo-





res do campo, arrumadas em festões pelas senhoras abelhas. Em redor da sala, sentada em cadeirinhas de madreperola, a nobreza da côrte, em trajes de gala, esperava as ordens do principe.

Havia de tudo. Besouros sérios, de oculos e casaca preta. Baratinhas de mantilha, com myosotis no cabelo. Abelhas douradas, muito finas de cintura, com laços de fita nas asas. Moscas azues; rãs de todas as côres; lindas mães-d'agua de corpo esguio e leves como bailarinas; camandongos de collete branco e sapatos de fivella; borboletas com toucadinhos de gaze; mariposas, ma-





mangavas... Havia ainda peixes de todos os formatos, caranguejos cascados que só andam de lado; ca-

marões que se atrapalhavam com tantas pernas; mariscos de casca aberta como livros; caramujos que carregam a casa às costas e andam apalpando o caminho com as trombas. Havia até um velho kagado de olhinhos pretos e casca envernizada de novo.

A orchestra era composta de cigarras e passarinhos miúdos: canários, pintasilgos, papacapins, corruiras, viuvinhas. A' frente della estava, de batuta no bico, um sabiá-do-campo, maestro de fama. Essa orchestra executou as musicas mais lindas do mundo, fados de rouxinol, canções de patativa, barcarolas de Martim-pescador. Uma lindeza! . . .

Afinal o principe deu ordem para a quadrilha. A orchestra rompeu uma composição do maestro Colleirinha e os cavalheiros principiaram a





tirar as damas. Quem marcava era um faceiro tangará, famoso mestre sala da cõrte. Narizinho, sentada no throno, estava doidinha por dançar. Mas a quadilha passou-se e ninguem veio tiral-a. Logo depois, entretanto, a orchestra rompeu a Valsa Real ■ o principe, levantando-se, disse á menina:

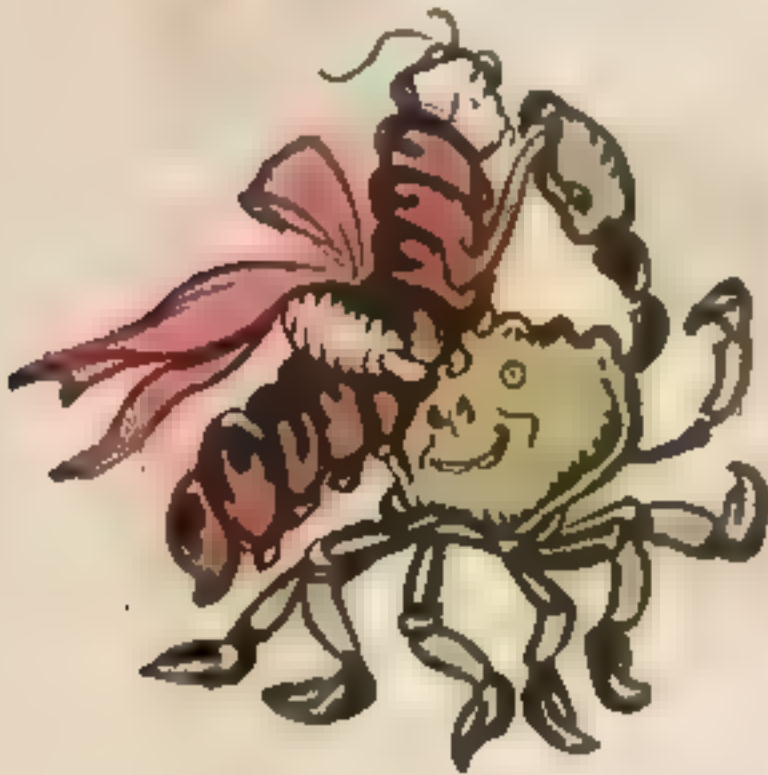
— É chegada a nossa vez. Quer dar-me a honra desta valsa?

Narizinho, que não queria outra cousa, desceu do throno e nos braços do principe rodopiou pela sala em gyros tão velozes que mais parecia um pião vivo. O kagado vendo aquillo cochichou para o caramujo: Si aquelle foguetinho te tirasse para dançar, que seria de ti, compadre?



Respondeu o caramujo:

— Talvez me sahisse melhor do que um cascudo da tua marca! E cada um riu-se lá por dentro da triste figura que fazia o outro, porque no reino dos animaes, bem como entre os homens, ninguem se conhece.

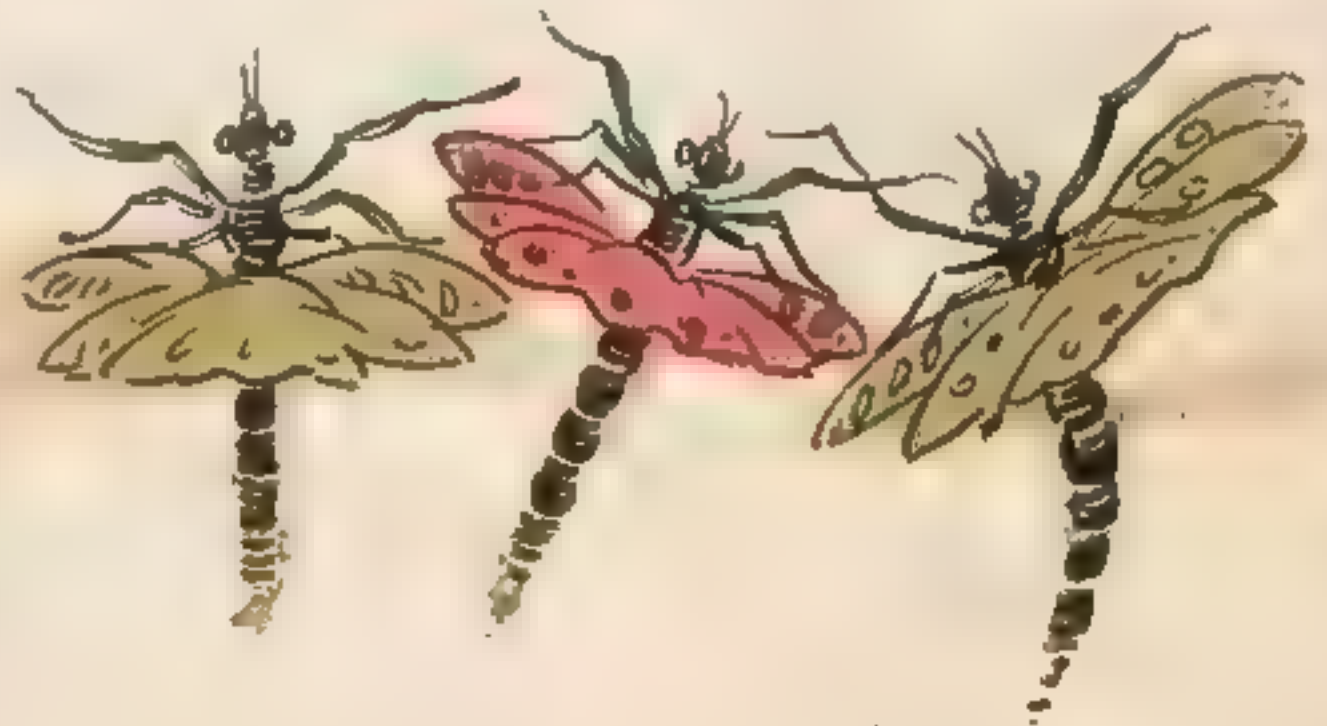


Terminada a valsa Narizinho voltou para o throno e assistiu a uma polka dançada por um caranguejo e uma tatorana vermelha, muito gorda, de grande faixa de gorgorão na cintura.

Apesar do respeito devido ao principe, a côrte riu-se a mais não poder, e Narizinho chegou a perder o folego. Porque não havia nada mais comico do que o senhor caranguejo a pular passos de polka nos braços da senhora tatorana, que suava em bicas numa grande afobação.

Quando a musica parou, a dama nem suster-se em pé podia, de tão cansada, e foi preciso carregarem-na a braços e entregal-a aos cuidados do doutor Caramujo. Depois desse comico incidente, surgiram na sala as bailarinas libelinhas. Uma azul, outra vermelha, outra verde esmeralda, todas muito leves e nervosas, começaram a bailar, treme-tremendo as lindas asas transparentes. Tão vivos e rapidos eram seus movimentos que aquillo mais parecia um bailado de raios de luz vivamente coloridos.

Foi um deslumbramento. E estavam todos no maior encanto, suspensos no ar pela admiração, quando se ouviu barulho d'uma correria em frente do palacio.



Eram 'os grillos da guarda que entravam espavoridos e pallidos de terror.

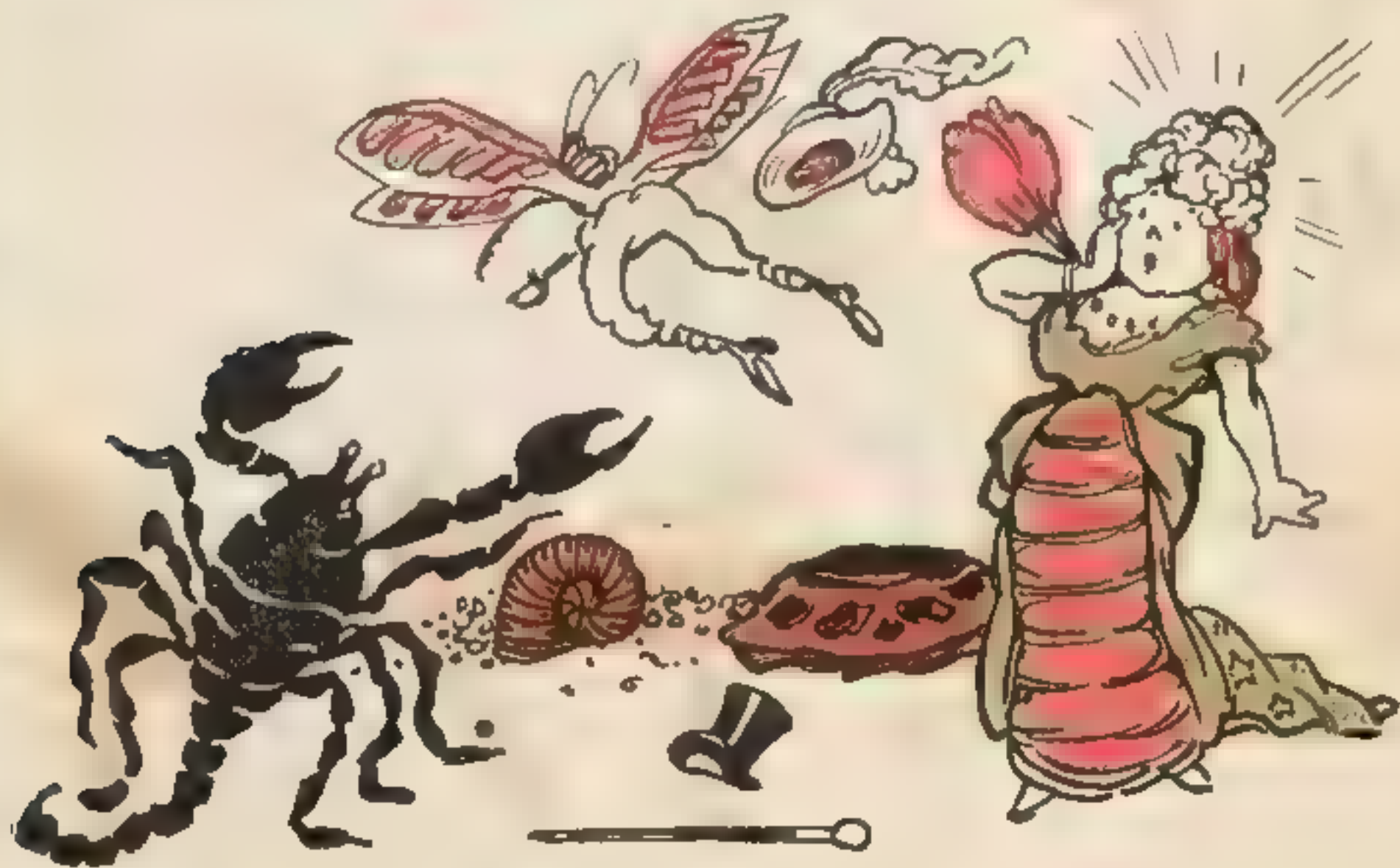
— O escorpião negro! annunciaram elles, arregalando os olhos.

— O escorpião! . . . repetiram aterrorisados os convivas.

Foi o mesmo que annunciar a peste. As damas nervosas caíram para trás, desmaiadas; outras treparam em cima das cadeiras, gritando de pavor. A tatorana, com ataque de nervos, tombou desacordada nos braços do Caranguejo. O kagado fechou-se dentro da casca. Os caramujos encolheram-se dentro das conchas. E bichinho de asa não ficou nenhum que não voasse para o tecto.

Era tempo. O horrendo Escorpião Negro assomou á porta, do palacio, de ferrão arreganhado. Parou. Bufou de colera e correu pela sala um olhar de desafio.

— Quem é essa pequena humana que ousa penetrar no reino dos animaes? disse elle trincando os ferrões.



Depois, vendo Narizinho de pé no espaldar do throno, pallida de espanto e muito atrapalhada com o seu vestido de cauda, arreganhou um sorriso feroz, marcou-a bem e investiu contra ella.

Um grito de horror encheu a sala, ■ todos os olhos se fecharam para não ver a catastrophe. O Escorpião Negro avança, gingando ■ corpo. Está já a um metro da menina. Um passo mais e a alcançará com ■ seu venenoso ferrão.

Narizinho, desvairada, olha para o principe, implorando soccorro. Era sua ultima esperanza.

Escamado não vacilla um momento: arranca da espada e atira-se contra o monstro.

Trava-se um medonho duello. A fera lança successivos botes de ferrão mas o principe apara-os com a espada, e depois de muitos golpes consegue acutilar a cabeça do inimigo. O Escorpião solta um berro de dôr e investe com redobrada furia.

Todos tremem pelo principe que corre sério pe-

rigo pela desigualdade das suas forças com as de um monstro daquelle porte. Mas o principe defende-se com heroismo, arremessando golpes sobre golpes á cabeça do Escorpião, embora já se sentisse cansado. E a lucta terminaria de um modo tragico si um factu assombroso não viesse mudar a si-



tuação. E foi que no melhor da batalha surgiu inesperadamente da cozinha uma bruxa de panno, armada de um espeto de assar lombo de porco.

— Emilia!... gritou Narzinho, que desde o caso do sapo, no dia da chegada, esquecera completamente a sua querida boneca.

Emilia, em fraldas de camisa, avançou para o Escorpião e zás! zás! fura-lhe os dois olhos num relance. O monstro dá tamanho urro que o palacio estremece, e depois rebola-se no chão espumando de colera e dôr. Hurrah! Estava ganha a batalha, graças ao espeto da estranha creatura em fraldas de camisa.



— Quem é? quem é? interrogavam de todos os lados os bichinhos numa grande curiosidade de saber quem era a exotica heroína. Narzinho saltou do throno e veio para ella de braços abertos.

— Perdôa, boa Emilia, ter-me esquecido de ti! Mas deixa estar que pedirei ao principe que te faça condessa desta côrte — e abraçou-a, chorando. Em seguida dirigiu-se ao principe ■ beijou-lhe as mãos em agradecimento por haver arriscado a sua preciosa vida por amor della. Foi uma scena commovente. Mas, apesar da gravidade do momento, a barata invejosa espiou si o grillinho verde não estava perto e disse ao ouvido da besoura:

— Vae ver que isto inda acaba em casamento...

E suspirou. Coitada! Eram ciumes. Apesar de velha e feia essa

barata solteirona não perdera nunca a esperança de casar com o príncipe. A coróca não se enxergava . . .

A festa parou ahí. Os convidados recolheram-se ás suas casas, inda assustados, enquanto cincoenta saúvas possantes arrastavam o Escorpião para fóra. Bem que esperneou elle, mas lá foi parar num carcere de pedra, com uma corrente de ferro ao pescoço!...

— Bufa agora, ladrão! disse um grillo da guarda fincando-lhe um valente ponta pé no focinho.

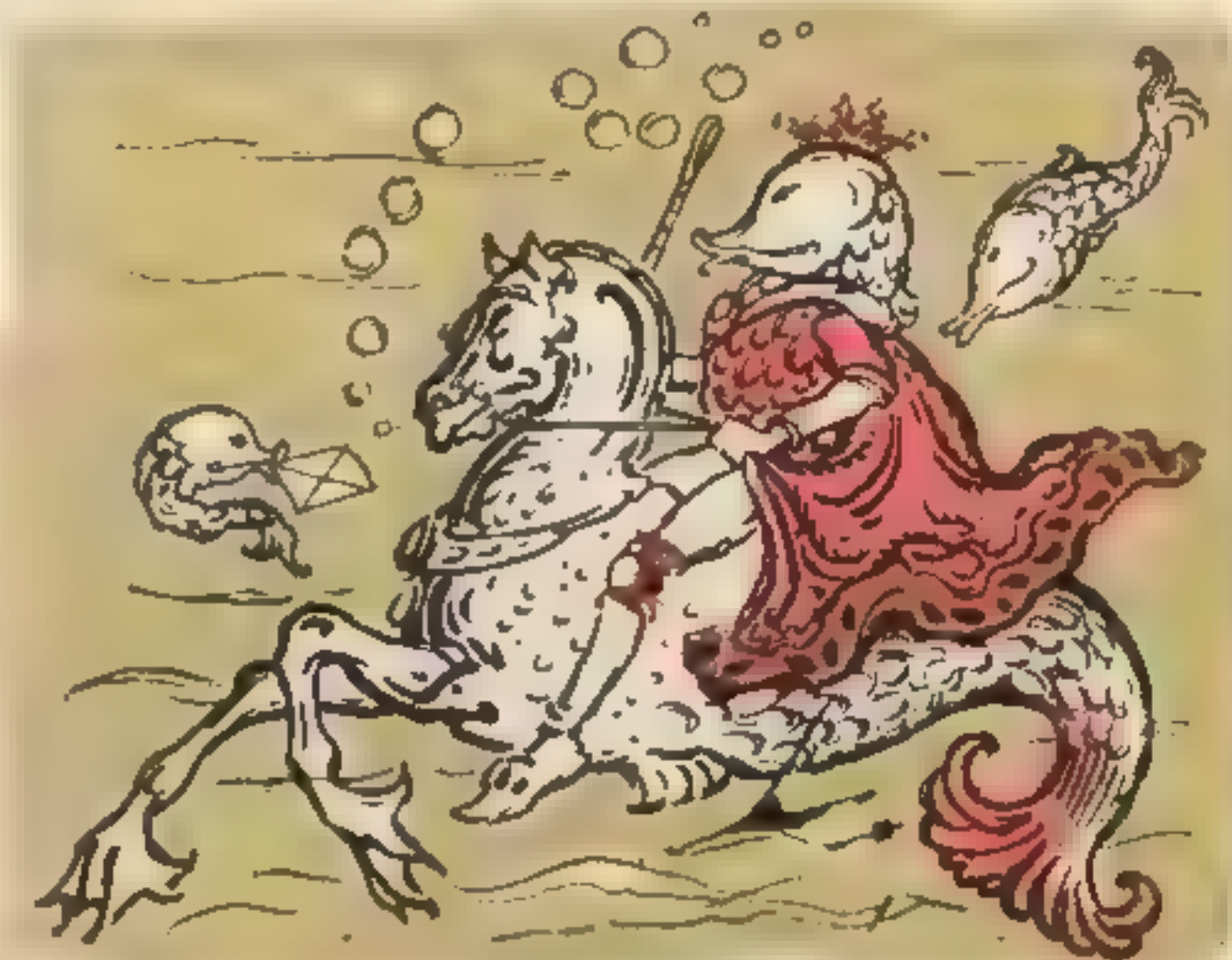
— Alto lá! gritou o Capitão. É prova de covardia bater nos inimigos que não podem defender-se. E mandou fechar a entrada do carcere com uma pedra pesada para evitar que o povo lynchasse o prisioneiro.



DEPOIS DA FESTA

NO dia seguinte Narizinho e Emilia levantaram-se tarde e almoçaram na cama servidas por criadas abelhas, muito galantes em suas toucas entiotadas. Estavam ainda nervosas do grande susto da vespera. O doutor Caramujo receitou-lhes Biotonico, recommendando passeios pelo campo. Narizinho, depois de tomar o remedio, saiu em companhia de Dona Aranha

e passeou durante uma boa hora pelos jardins do palacio, enquanto as saúvas experimentavam vestidos em Emilia. A menina pediu noticias do principe. Disseram-lhe que tinha sahido de viagem para as fronteiras afim de organizar a defesa contra a invasão de



outros monstros. Narizinho suspirou de saudades e disse:

— Vou confessar-te, amiga aranha, o meu grande segredo. Desde hontem que me sinto apaixonada pelo principe... Disse ■ corou. A Aranha sorriu-se e respondeu:

— E elle muito merece o amor da menina, porque não existe no mundo inteiro principe mais valoroso. Meu desejo é que se casem porque do contrario o principe é capaz de engraçar-se d'al-

guma barata e o reino soffreria a vergonha de ser governado por uma rainha que volta e meia perde a casca . . .

E assim, conversando, caminhavam as duas pelas alamedas muito limpinhas e bem arrumadas do jardim. Todas as manhãs as formigas corriam o parque inteiro catando todos os cisquinhos, aparando os gramados e deixando tudo que era um primor. Havia um lago á beira do qual pararam, mirando-se no espelho liquido. Estavam pensativas ambas: Narizinho com saudades do principe e a Aranha com saudades das sessenta filhas papadas por mestre sapo. Nisto ouviram um gemido a certa distancia. Approximaram-se. Era mestre Agarra que alli gemia com uma barriga enorme estufada de pedrinhas.

— Ai de mim, chorava elle, que não posso nem andar!... Menina

dos cabellos de ouro, tenha dó deste pobre sapo ■ peça ao principe que me perdôe!...



Narizinho tinha bom coração e, compadecida da miseria do infeliz animal, prometeu intervir em seu favor.

— Veja, disse ella á Aranha, este coita-

do está pagando o crime de ser dorminhoco. Foi castigado só porque não pode resistir no somno . . .

— É bem feito, respondeu a aranha. Quem o mandou comer as minhas sessenta filhas ?

— Então, disse Narizinho, aqui neste reino, um pilhando o outro de jeito é zás, para o papo ?

— Isso mesmo, minha filha, tal qual entre os homens, que são uns urubús comedores de carne de cadaveres.

Narizinho espantou-se muito com a idéa que os bichos faziam dos homens ■ quiz desmentir a aranha. Mas não pode porque a aranha a interrompeu dizendo:

— São urubús, sim, e comem cadaveres de animaes. Já tive minha teia num açougue da cidade e todas as noites via chegar um carroção cheio de cadaveres de bois, carneiros e porcos esfolados, que um homem, chamado açougueiro, todo sujo de sangue, vendia aos pedacinhos ás criadas de cesta.



Narizinho calou-se porque era bem verdade aquillo...

Nisto soaram tambores ■ clarins ao longe. Era o principe que volta-va á frente duma guarda de grillos. O coração de Narizinho bateu apressado.

— Salve! disse ■ principe logo que viu a menina. Salve a senhora do meu coração!

— Si sou a senhora do teu coração, respondeu ella, quero pedir-te uma graça...

— Ordene que será obedecida, disse o principe.

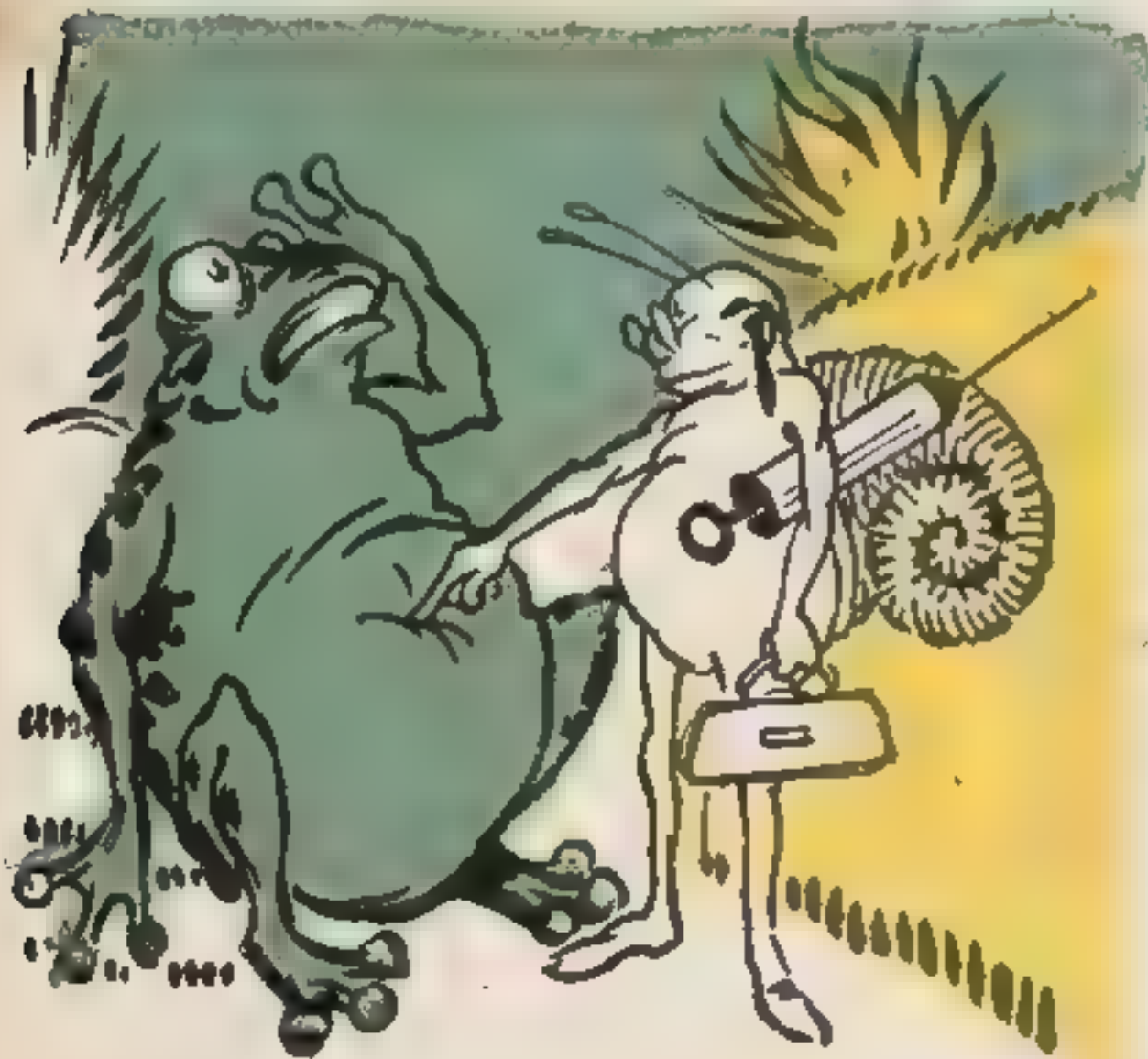
— Quero o perdão de mestre Agarra, declarou Narizinho, que alli está gemendo com as cincoenta pedras na barriga.

O principe concedeu a graça pedida e ordenou que chamassem o doutor Caramujo para extrahir as pedras. Veiu o doutor com a sua maleta de cirurgião. Examinou o sapo empanturrado, apalpou, ergueu os oculos para a testa e disse:

— É preciso abrir-lhe uma "casa" na barriga.

— Pois abra, ordenou o principe.

O doutor Caramujo arregaçou as mangas, pôz o avental e, ajudado por varias formigas, deu começo á operação. O sapo foi posto de costas, com a barriga para o ar, e as saúvas, com os afiados ferrões, abriram nella um córte. Depois entraram pela abertura a dentro e foram tirando uma



por uma as cinquenta pedrinhas do castigo. Quando saiu a ultima, mestre Agarra deu um grande suspiro de allivio. Reunidas as pedras e feita lá dentro uma limpeza, o medico tratou de costurar o córte. Para isso uniu as beiradas da "casa" e mandou que as formigas ferrassem alli o ferrão, de modo que cada ferrotuada era um ponto. E assim deu trez pontos, ficando trez formigas agarradas á barriga do sapo. Depois o medico tomou uma tesoura e foi guilhotinando as formigas, de geito que só ficassem na pelle do sapo as cabeças das coitadas.

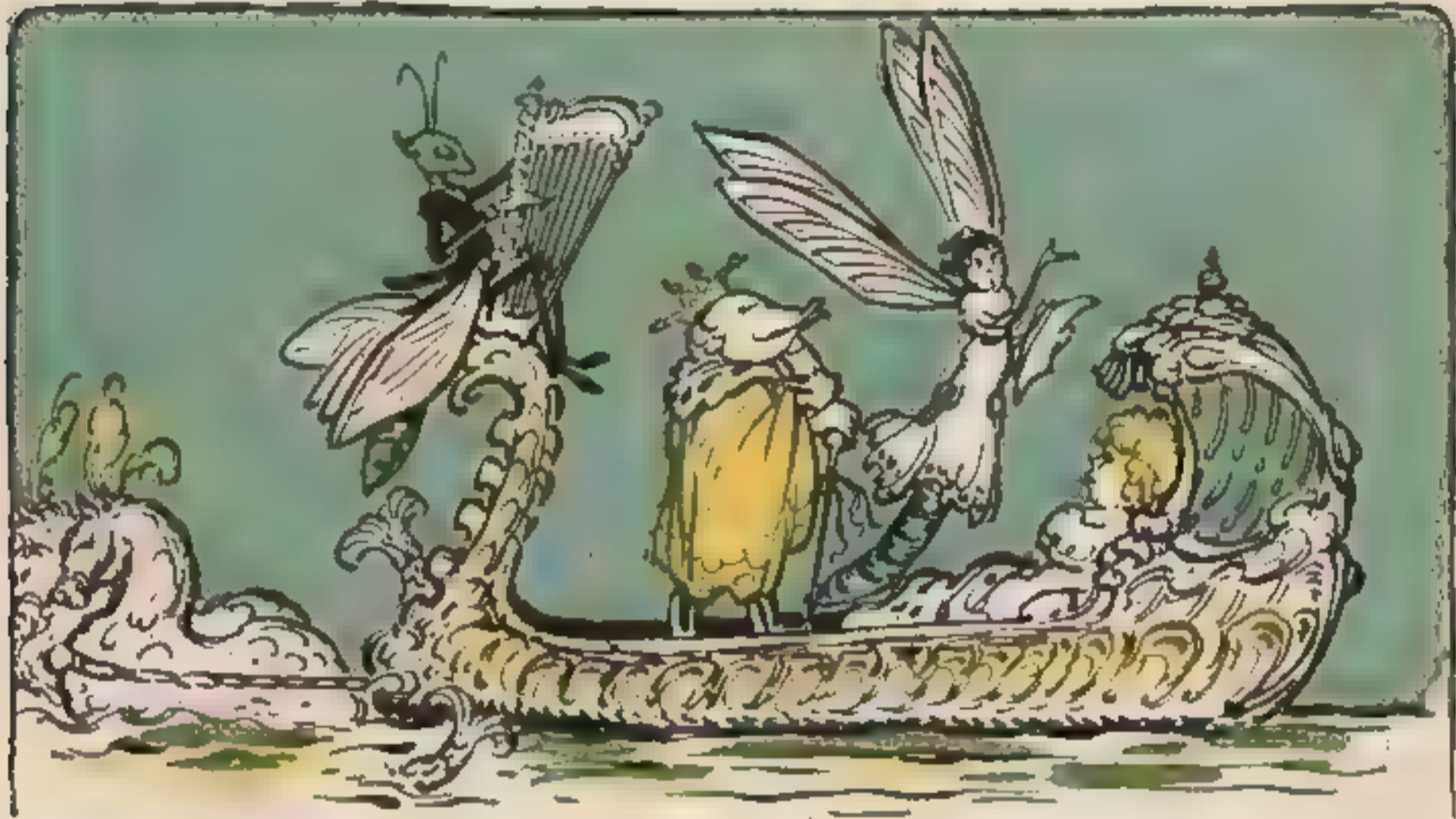
Mestre Agarra agradeceu ao doutor o serviço e, afim de não perder tempo, foi chamando para o papo os corpos das tres formigas degoladas que esperneavam no chão. Era um grande pandego, este mestre Agarra!

Terminada aquella curiosa operação, Narizinho continuou o seu passeio com Dona Aranha, recolhendo-se mais tarde muito satisfeita comsigo por ter salvado a vida a uma pobre creatura de Deos, condemnada a um supplicio doloroso pelo simples facto de ser dorminhoco.

— Amiga aranha, disse ella, o principe perdoou ao pobre sapo. Perdoas tambem?

— Nunca! respondeu a aranha. Não posso esquecer dos meus filhos...





A FESTA VENEZIANA

NESSA noite houve uma pequena festa nocturna nos jardins do palacio. Pelas avenidas de areia muito alva perfilavam-se vagalumes immoveis, de olhos arregalados como tochas, servindo de lampiões. No lago, pequenas rãs serenatistas coaxavam, compassadamente, ■ "Nocturno do Luar", acompanhadas do cri-cri de milhares de grillinhos. O principe deu uma volta pelo jardim em companhia da menina e depois a convidou para um passeio de gondola. Lá se foram, na gondola de madreperola, remada por doze cavallos marinhos.

E vogaram sobre as aguas, embalados pelos formosos versos que uma libelinha poetisa recitava ao som de pequenina harpa tangida por mestre Louva-a-Deus.

De volta desse lindo passeio o príncipe convidou-a para voar.

— Até aeroplanos ha por aqui? perguntou a menina, espantada.

— E mais seguros que os aeroplanos dos homens, vaes ver, respondeu o príncipe.

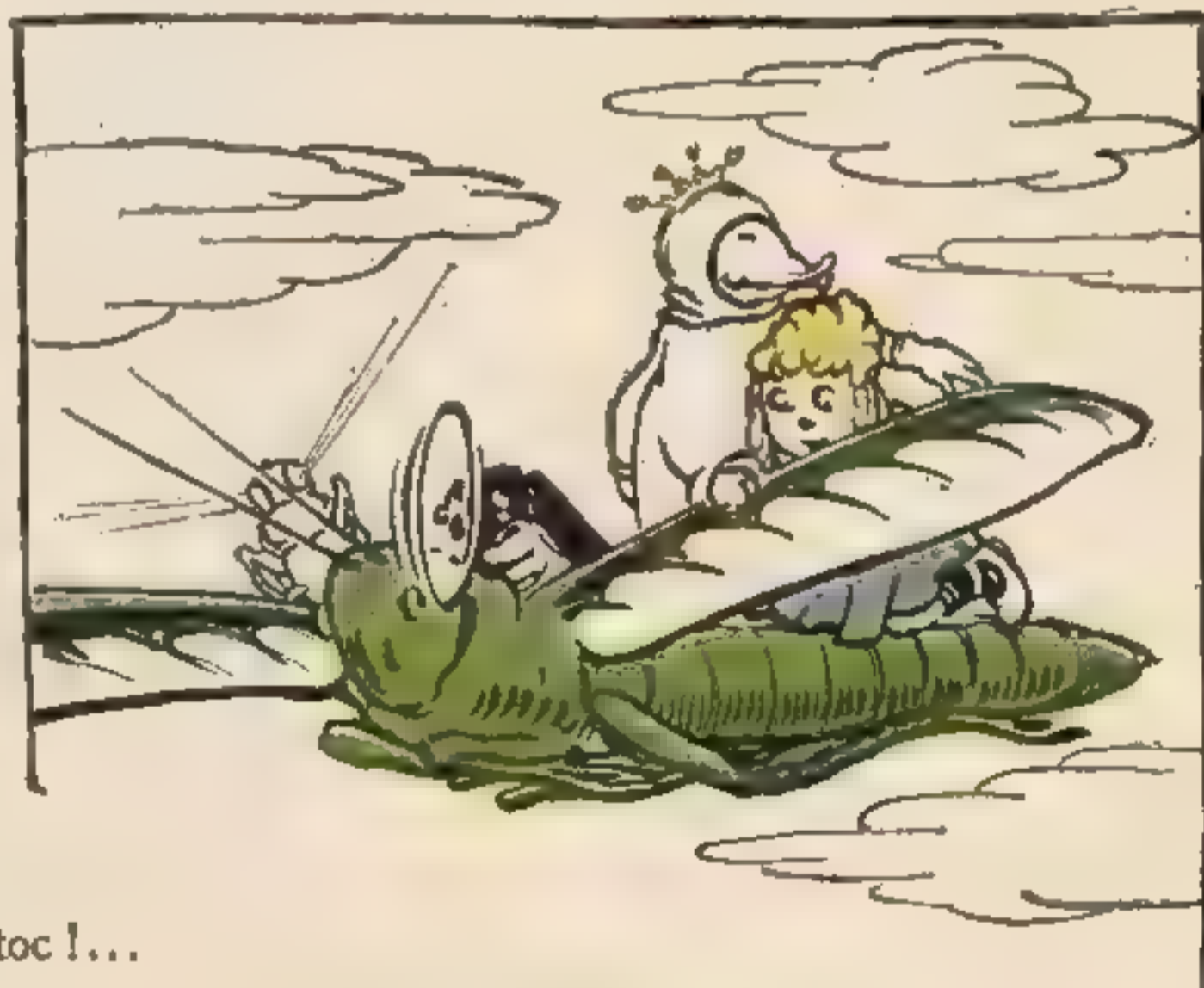
Apesar do medinho a menina encheu-se de coragem e acceitou o convite.

Veiu logo um aerogrillo. Era um grillão verde, que trazia nas costas a barquinha de vime e na cabeça dois insectos, um besouro e um vagalume. Este vagalume, com os seus grandes olhos phosphorescentes, servia de pharol ao aeroplano e o besouro estava alli para zumbir, fingindo o barulho da helice. Narizinho achou muita graça na engenhosa invenção e trepou á barquinha sem medo. O besouro zumbiu e o aerogrillo disparou como um raio pelos ares afóra. Subiram, subiram, subiram tão alto que a terra de lá parecia uma laranja. Atravessaram nuvens, chegaram muito pertinho da lua, que a menina teve o gosto de tocar com a pontinha do dedo. E só desceram quando o sol vinha raiando.

A TRAMA

NA noite desse dia estava Narizinho no melhor do somno quando acordou com uma batida na janellella.

— Toc!... toc!...





— Quem é? disse ella, pulando da cama, tremula de medo.

— Boa noite, bella princeza, respondeu uma voz conhecida. Tenho um segredo a te revelar.

Era o sapo. Narizinho respirou alliviada e, abrindo a janela, perguntou-lhe ■ que desejava.

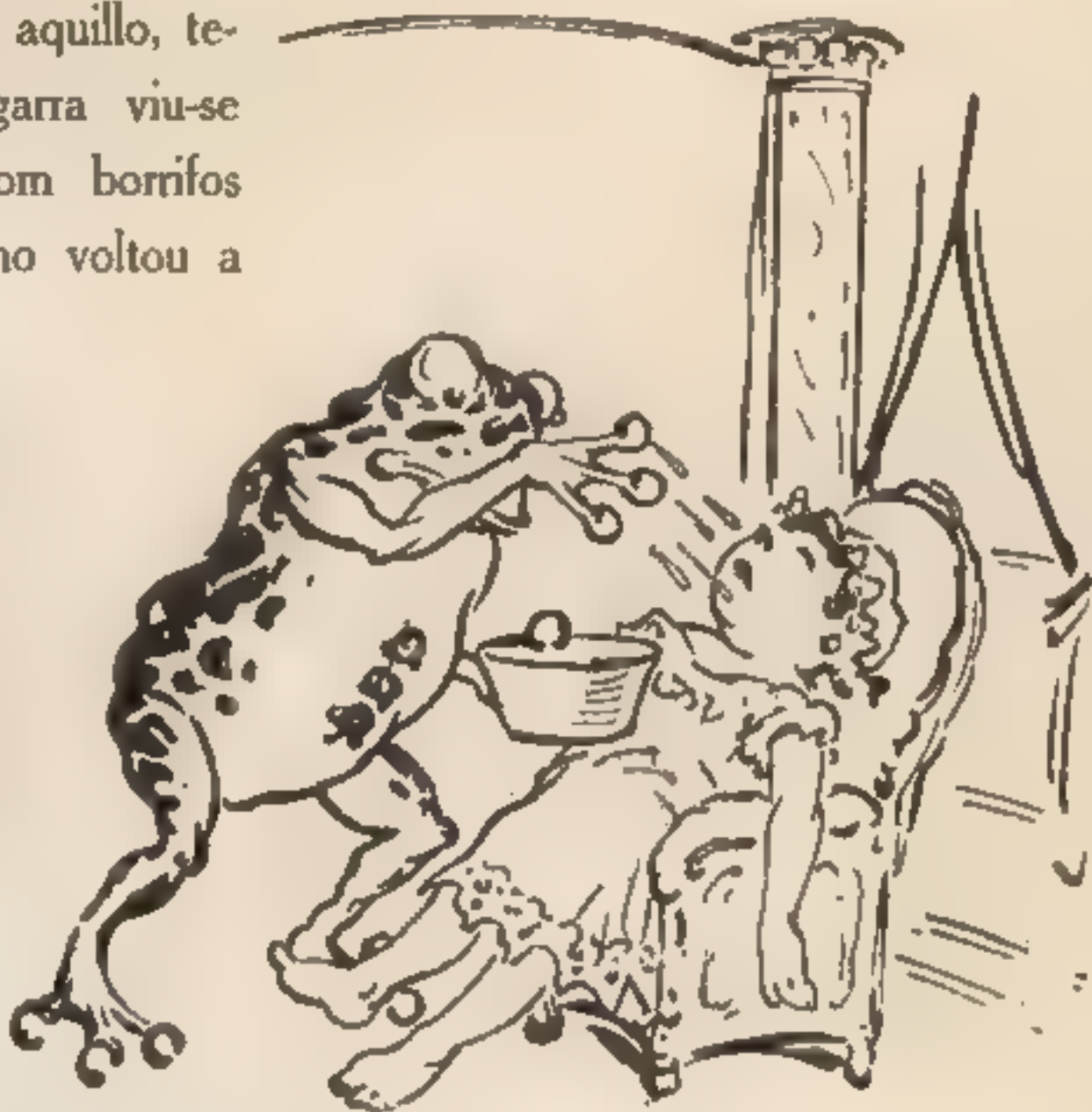
— Tu me salvaste a vida, respondeu o sapo, e eu quero salvar a tua. Escuta lá. Depois que me tiraram as pedrinhas da barriga, eu sahi do jardim e fui encorujar-me num canto escuro para sarar da cortadura com todo o meu socego,

procurando para esse fim uma tóca de pedra. Achei uma tóca a meu geito, e lá estava a cochilar quando á meia noite ouvi rumor de vozes ao lado. Como sou muito curioso, encostei o ouvido a uma fresta e puz-me a escutar. Essa fresta ia ter ao carcere do Escorpião Negro. A principio me pareceu que o monstro cego falava consigo mesmo. Mas não era assim. O monstro conversava com o capitão da guarda, cuja voz conheço muito bem. Estavam conspirando contra o principe, e muito tempo levaram combinando os planos duma revolta afim de matar o principe e enforcar todos os nobres do reino. Combinaram tambem que subiria ao throno ■ Escorpião cego, sendo Narizinho obrigada a casar com elle.

A menina, mal ouviu aquillo, teve um chilique, e mestre Agarra viu-se em apuros para despertá-la com borrifos d'agua fria. Quando Narizinho voltou a si o sapo disse:

— Vamos, menina! Nada de fraquezas. É preciso avisar o príncipe enquanto é tempo.

Narizinho, com lagrimas nos olhos, agradeceu o aviso do sapo e saiu correndo em direcção aos aposentos do príncipe. Lá bateu na porta, furiosamente. O príncipe,



assustado, pulou da cama de espada na mão e vendo em sua frente Narizinho em camisola, mais espantado ficou ainda.

— Depressa, príncipe! Estão conspirando contra a nossa vida!... disse ella. E desfiou toda a historia contada pelo sapo. O príncipe ouviu tudo em si-

lencio, de cara amarrada. E, depois de meditar uns momentos, disse com grande calma:

— Estou acostumado á lucta ■ sei defender-me. Volta para ■ teu quarto e dorme socegada que esta noite mesmo castigarei os criminosos.

O CASTIGO

LOGO ao clarear do dia Narizinho pulou da cama, afflicta por saber o que tinha acontecido, e soube o seguinte. O principe, assim que a menina se recolheu, tomou as armas e dirigiu-se ao corpo da guarda,



pé ante pé. E pelo buraco da fechadura descobriu ■ capitão em conferencia com dois grillos trahidores.

— Vocês, dizia elle, vão agora ao palacio, sobem pela janella, entram no quarto do principe, ■ amarram-no á cama, enquanto eu vou combinar com o Escorpião ■ resto da festa. Vamos! Toda a cautela é pouca! . . .

Nem bem o príncipe ouviu aquillo ■ já voltou correndo para o seu quarto. Entreabriu a janella por onde os traidores haviam de entrar e collocou em baixo uma gaiola de alçapão, de modo que quem pulasse para dentro cahiria prisioneiro. E ficou esperando. D'ahi ha pouco ouviu vo-



zes abafadas do lado de fóra e logo em seguida tres cabeças que assomavam á janella, muito resabiadas. Os conspiradores pararam um momento á escuta. Depois, certos de que o príncipe dormia a bom dormir, saltaram para dentro e... cahiram presos na gaiola!

O príncipe incontinentemente agarrou um cadeado ■ trancou bem trancadinha a porta da gaiola. Os grillos, de tão assombrados, estavam de bocca aberta sem poder falar. O príncipe não disse nada. Saiu do quarto e foi acordar um grillo fiel, dizendo-lhe:

— Vá procurar o capitão da guarda e diga-lhe baixinho ao ouvido: — “Os tres emissarios te mandam dizer que ■ “negocio” está feito, mas que precisam da tua presença no quarto do príncipe”. Diga isso baixinho e suma-se!

O grillo recadeiro lá foi em procura do capitão ■ encontrou-o rondando o carcere do monstro. Approximou-se e repetiu-lhe no ouvido o recado. O capitão quiz perguntar mais coisas, mas quando abriu a bocca já o mensageiro tinha sumido.



— Muito bem! exclamou elle. O tyranno já está seguro! Vou lá agora e com as minhas proprias unhas arranco-lhe os figados. E esfregando as mãos foi correndo para o palacio. Viu a janella do quarto do principe aberta ■ subiu pela escada que os outros haviam deixado. Chegando ao ultimo degráo pulou para dentro do quarto. Mas antes de alcançar o chão sentiu uma dôr no peito. Ai! ai! gritou. Era o principe que o tinha varado no ar com a

sua terrivel espada.

— Miseravel! Toma, para justo castigo da tua deslealdade! disse o principe cortando-lhe a cabeça com um novo golpe de espada. O corpo do capitão pererecou no tapete uns instantes, ao lado da cabeça, em cujo olhos estava gravado o espanto pelo imprevisto desenlace da conspiração.

O principe, embainhando a espada, chamou alguns soldados fieis para que levassem dalli a gaiola com os tres trahidores.

— Ponham dentro, junto com estes trahidores, ■ Escorpião, amarrem em cima da gaiola uma grande pedra e lancem-na ao lago.

Os guardas assim fizeram e o monstro, em vez de casar com Narizinho ■ subir a um throno, foi morrer afogado no fundo da lagôa...

— Bem feito! disse a menina quando soube do castigo. Assim morra toda ■ raça dos trahidores! E foi correndo dar parabens ao principe victorioso, que a abraçou e a beijou na testa, commovido.

— Salvaste o meu reino. Em recompensa vaes receber e corôa de princeza e sentar-te no throno, ao meu lado, como a mais adorada das esposas, disse pondo-lhe no dedo o anel de noiva.

Narizinho sentiu uma alegria immensa e, toda perturbada, ia responder, quando uma voz conhecida a despertou:

— Narizinho, vovó está chamando!

A menina sentou-se na relva, esfregou os olhos, viu o ribeirão a deslizar como sempre e lá na porteira a tia velha de lenço amarrado na cabeça.

Que pena! Tudo aquillo não passara dum lindo sonho...







EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL,"

Preço
385

	BRIL.	REC.
NEGRINHIA, contos por MONTEIRO LOBATO	2\$500	3\$500
URUPES, contos por MONTEIRO LOBATO, 1. ^a edição	4\$000	5\$000
CIDADES MORTAS, contos por MONTEIRO LOBATO, 2. ^a edição	4\$000	5\$000
IDEAS DE JÉCA TATÉ, crítica por MONTEIRO LOBATO, 2. ^a edição	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRAZIL, estudo de sociologia por F. J. OLIVEIRA VIANNA	10\$000	12\$000
PROFESSOR JEREMIAS, por LEO VAZ, 8. ^a edição	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SA, romance por LIMA BARRETO	2\$000	—
LIVRO DE HORAS SOROR DOLOROSA, poesias por GUILHERME DE ALMEIDA	3\$000	—
ALMA CABOCLA, poemas de PAULO SEXTAL, 2. ^a edição	3\$000	4\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo VISCONDE DE TAUNAY	4\$000	5\$000
MADAME POMMRY, romance satyrico, por HILARIO FACETO	4\$000	—
BRASIL COM S OU COM Z, por F. ASSIS CINTRA	3\$000	—
VIDA OCIOSA, romance por GONFREDO RANGEL	4\$000	5\$000
OS CABOCLAS, contos por VALDOMIRO SILVEIRA	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por VIRIATO CORREIA	4\$000	5\$000
O MYSTERIO, por AFRANIO PINHO, CONLHO NETTO, MEDeiros ALBUQUERQUE e VIRIATO CORREIA	4\$000	5\$000

PEDIDOS AOS EDITORES

MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}

CAIXA N. 2-A
S. PAULO



Pedidos para o interior, mais 10 % para o porte no correio.